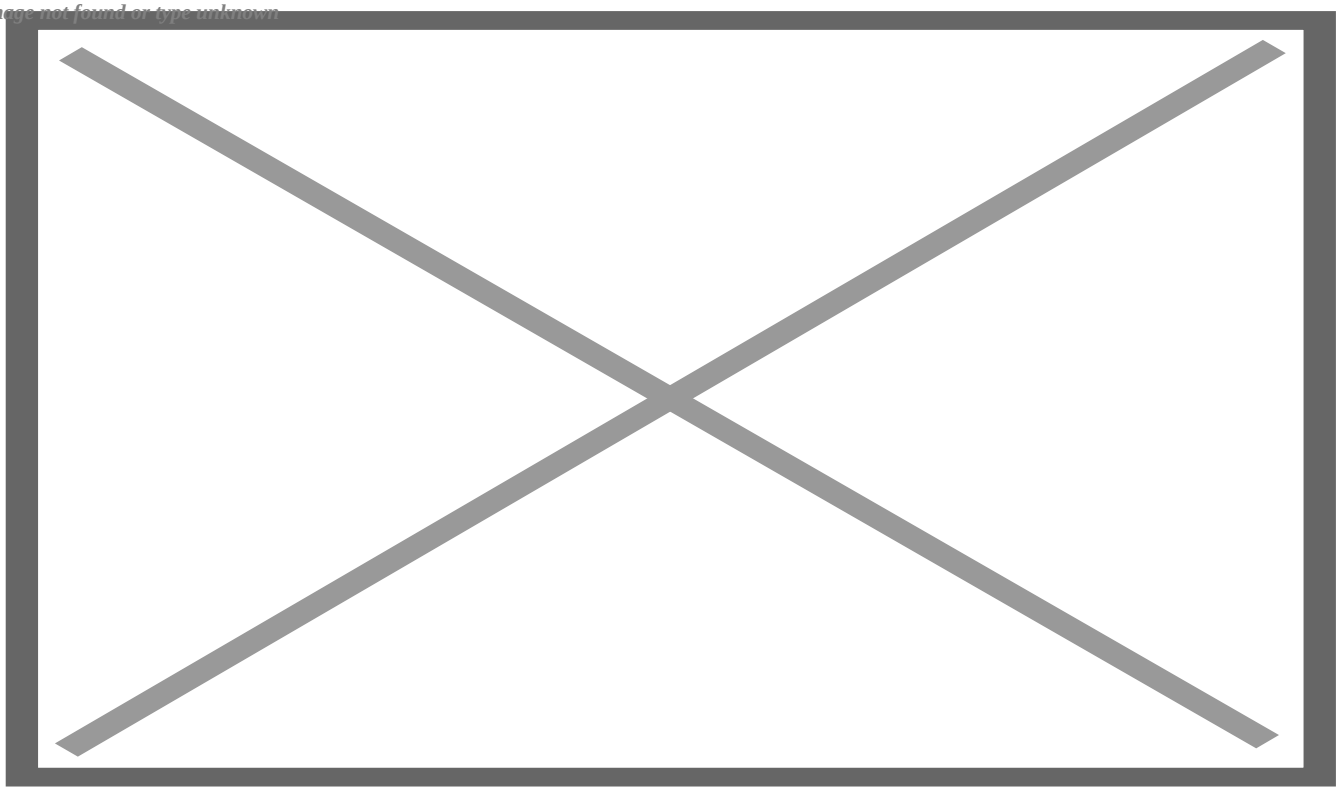
Tensão máxima

Image not found or type unknown



Conflito Irã e Israel

Por Guillermo Alvarado

Permitam-me, queridos amigos, usar um artifício bastante banal na literatura e dizer que, após o ataque com foguetes e drones do Irã contra o regime sionista de Israel, as tensões no Oriente Médio aumentaram a níveis tão altos que é possível cortá-las com uma faca.

A ação iraniana foi uma resposta ao ataque injustificável de Tel Aviv ao seu consulado na Síria, onde várias pessoas foram assassinadas, dois generais e cinco outros oficiais da Guarda Revolucionária Islâmica inclusive.

Não é preciso ser um especialista para perceber que uma agressão como essa teria sérias consequências na região e, desde alguns dias, se sabia, dentro e fora de Israel, que uma contraofensiva estava a caminho.

Benjamin Netanyahu ameaçou atacar o Irã, o que deixou o mundo em polvorosa, pois significaria uma guerra generalizada na qual, querendo ou não, vários países da União Europeia, aliados próximos de Tel Aviv, e seu principal parceiro, os Estados Unidos, estariam envolvidos.

Na verdade, Washington, Londres e outras capitais estão trabalhando ativamente para dissuadir o regime sionista de tomar medidas, não por motivos humanitários, mas para manter o fornecimento de petróleo para o Ocidente.

A primeira vítima de uma guerra naquela região seria o tráfego marítimo pelo Canal de Suez e colocaria em apuros as potências por cujas veias corre o petróleo, sem falar em outros riscos, inclusive o possível uso do arsenal nuclear não declarado que está nas mãos de Israel.

Estamos falando em um Estado que tem demonstrado sinais claros de total irresponsabilidade e desprezo absoluto pelas regras mais elementares de convivência entre povos e nações, e do qual se pode esperar qualquer comportamento, por mais brutal que seja.

E não se trata apenas de quem está no poder em Israel , pois, na prática, Netanyahu é apenas mais um representante do movimento sionista internacional, que nada tem a ver com religião ou com o povo judeu não sionista.

A solução, portanto, não passa por substituir Netanyahu, mas desmantelar a estrutura desse movimento, que se baseia em um fanatismo raramente visto no mundo e em uma rede econômica e financeira com vínculos com quase todos os países capitalistas do Ocidente e de outras partes do planeta.

Quando se olha dessa forma, isso explica todas as semelhanças entre o sionismo e o nazismo alemão, em que Adolf Hitler era apenas a cabeça visível do iceberg, mas sua força estava em outro lugar, que não foi completamente destruído por sua derrota na Segunda Guerra Mundial.

---

https://www.radiohc.cu/index.php/pt/especiales/comentarios/352275-tensao-maxima

Radio Habana Cuba